

## **MOVIDA A CURIOSIDADE**

### **Podcast Bobagens Imperdíveis**

#### **Transcrição do episódio**

[som de notificação de mensagem no Whatsapp]

Então, terminei.

Acho que vai ser isso, o último episódio do podcast. Foi o que te falei, já que vai ser um negócio especial, resolvi fazer algo bem maluco, bem diferente do que eu já tinha feito.

Algo mais próximo dos pensamentos passando na minha cabeça. Algo que tô tentando fazer... sei lá... desde o primeiro episódio?

Não que eu tenha conseguido agora, talvez? Não sei. Esse negócio de criar, de colocar ideias pra fora, de se comunicar, é muito por aproximação.

A cada tentativa a gente chega um pouquinho mais perto do que a gente idealizou, sabe? Nunca sai perfeito, de primeira. PÁ. Tudo redondinho de uma vez, do jeito que tinha que ser. Isso aí é ilusão.

Sem falar que o meio do processo tá cheio de imprevistos... Precisei mudar muita coisa no meio do caminho, improvisar, fazendo conforme as coisas aconteciam... Lidar com as coisas dando errado. Porque às vezes as coisas precisam dar errado pra gente conseguir se mover, pra gente conseguir sair do lugar.

Ai ai, às vezes eu é que tenho que ouvir as coisas que eu falo pra ver se eu entendo. Porque é difícil, viu? Entender isso.

[bipe]

Nossa, viajei aqui. Já mandei um áudio enorme. Desculpa pelo podcast. Só queria mesmo te mandar o arquivo pra você dar uma olhada. Na verdade uma ouvida, rs.

Sei que tá uma correria por aí, mas... então você puder falar, me diz o que achou, se faz sentido isso.

E depois me conta como estão as coisas aí, que eu quero saber o que você tá aprontando! Tá bão? Um beijo.

Artigo na Vox de Outubro de 2022:

[voz masculina de apresentador narra o artigo]

De repente, todo personagem de ficção é um podcaster. Será que estão fazendo isso direito?

Podcasts estão por todos os lugares. Já que filmes e séries são geralmente sobre pessoas fictícias em cenários realistas, faz sentido que acabariam retratando podcasts e podcasters.

Hollywood AMA shows sobre mídias. Por isso produzem tantas histórias sobre repórteres de jornais e colunistas, sobre apresentadores de rádio e editores de revistas. Podcasters se encaixam nesse nicho também. E, ousado dizer, tem quem ache que fazer podcast é muito descolado.

O problema é que fazer podcast em si não é assim tão glamouroso. São horas de pesquisa, escrita de roteiro, gravação, planejamento e edição para cada episódio de podcast. Ficar encurvado na frente do computador editando o mesmo trecho de áudio não é algo exatamente divertido de se ver na TV.

As séries e filmes apimentam um pouco o processo de fazer podcast para parecer mais legal do que é na vida real. Mas o resultado acaba não se parecendo em nada com fazer podcast. Algumas vezes, esses podcasts que aparecem nas histórias são apenas programas de rádio ao vivo. Outras vezes, a representação do fazer podcast parece tão simples quanto gravar notas em áudio. Outros personagens sequer sabem segurar um microfone corretamente.

Encontramos uma podcaster disposta a compartilhar a realidade do trabalho. Aline Valek nos convidou para o coração do estúdio de Bobagens Imperdíveis. Lá, conversamos sobre o processo de produção de um podcast pra lá de real!

Realmente, é um trabalho bem pouco glamouroso.

Especialmente quando você faz tudo sozinha e meio que tem que se desdobrar pra fazer tudo, às vezes na maior correria.

Fazer sozinha pelo menos tem aquela vantagem, né? De dar aquela pirada e ninguém ver. Ficar bem louca, AAAA, o dia inteiro ouvindo as vozes da minha cabeça dizendo que está tudo uma merda, haha.

Ah... Hoje eu vou mostrar como faço o podcast, né? Então vamos lá ver onde a mágica acontece.

[porta se abre]

Aqui é onde eu trabalho. Que não é bem um estúdio, é o meu veículo. Não, literalmente um veículo. Bobagens Imperdíveis é essa nave que tá sempre pra lá e pra cá. Porque pra fazer o podcast eu tenho que estar em movimento pra perseguir as pistas. Ir para outros tempos, visitar uns lugares que nem existem.

A vantagem é que é movida a curiosidade, então o aumento da gasolina não afetou muito nossas atividades.

Esse é o espaço onde eu passo mais tempo. Às vezes são dias mergulhada em pesquisa. Aí eu acho uma informação interessante, puxo o fio dela e vejo que tenho um livro sobre, aí no livro descubro que tem outro livro sobre, mas que tá fora de circulação a última edição é de 1700 e tá escrito em alemão arcaico, aí eu vou atrás de quem consegue traduzir e no meio do caminho descubro uma dissertação de mestrado sobre outro tema, que leio inteira pra no final das contas escrever 2 linhas de roteiro.

Toda essa papelada aqui são os dossiês de pesquisa com essas informações que eu coleto. Sim, é muito material. Mas quanto mais volume de pesquisa eu tenho, mais eu consigo dar definição aos personagens de cada episódio.

Que são materializados bem aqui nessa cabine. Pois é, parece uma dessas cabines de ilusionistas. Deve ter sido em algum momento, comprei de segunda mão. Então quando a pesquisa tá pronta dá pra ver quem é o personagem que vai protagonizar a história, e é a imagem que eu uso para a capa do episódio. É essa cabine que faz.

[som de sirene]

Ó, deu o sinal, vamos abrir aqui e ver quem aparece.

[Voz de Mário de Andrade cantarolando cantiga popular]

Mário de Andrade? De novo? Ahn... Ok. Tá bom, querido senta aqui que eu vou continuar a entrevista, tá?

Aqui é onde eu gravo os episódios. Nem sempre com o roteiro já pronto. Começo a gravar depois de organizar um pouco a bagunça de informações da pesquisa e de transformar numa história mais ou menos coerente. Mas muitas vezes eu vou escrevendo enquanto gravo, porque enquanto eu vou contando a história, eu vou entendendo pra onde aquele texto tem que ir. E aí eu escrevo pra conseguir falar de novo no microfone um pouco mais estruturada, articulando melhor as ideias e as palavras em si. Porque minha dicção não é lá das melhores.

E aí é um exercício de paciência. Gravar e regravar, até ficar bom. Quando a natureza deixa.

[trecho de áudio com maritacas gritando sem parar. Grito da janela: "cala a boca aí, tô tentando gravaaaar!"]

Uma coisa que pouco se fala sobre esse trabalho é que precisa de muito espaço pra guardar os arquivos da produção, que são bem pesados. Aqui fica o meu acervo, deixa eu abrir aqui. É onde eu guardo os arquivos de música que eu uso de trilha... aqui os efeitos sonoros... Tem também os arquivos brutos de gravação, os áudios dos

entrevistados, tem muito áudio de esboço. Vamos ver aqui... esse arquivo, por exemplo. É um esboço de um episódio que nunca chegou a existir, sobre os neandertais. Vamo dar o play.

[Trecho de gravação]

"Bobagens Imperdíveis, temporada 3, episódio esboço, take one, gravando! Esses dias numa conversa comum e trivial que tenho com meus amigos, a gente estava se perguntando pra onde a gente voltaria no tempo se fosse possível. Neandertais. É uma coisa que me... A Pré-História, e a Pré-História em si, ser esse período antes da História, mas já existiam pessoas?? Fiquei pensando que eu gostaria de voltar a essa Pré-História, voltar a uns 10, 20, 30 mil anos atrás. Então a gente tem essa matéria, falando dos humanos solitários. 'A espécie humana mais próxima que habitou a Europa e a Ásia durante 300 mil anos...' 300 mil anos? HAHAAAAHA. Ai. Tô chocada. Agora quero saber, por que eles eram os humanos solitários? Ah, olha só: 'eles nos fascinam pela mesma razão que nos fascinam os romances de ficção científica. Porque são uma outra versão de nós', diz Juan Luis Arsuaga, em conversa telefônica. Quem é Juan Luiz Arsuaga? Porque talvez eu tenha que citá-lo nesse episódio. Paleoantropólogo. Ok.' Tudo indica que tenham o mesmo nível intelectual que nós e, entretanto, não são iguais. Podemos dizer que têm a mesma mente, mas não a mesma mentalidade. Representam outra maneira de ser humano, e isso é algo que temos muita dificuldade de imaginar. Os neandertais mudaram a percepção de nós mesmos. Na cultura ocidental, sempre tentamos nos separar do resto da natureza, demonstrar que somos melhores que os animais. Os neandertais nos obrigam a repensar isso.'" Ouve-se Aline levantando da cadeira, passos, e então abre a porta. Um gato mia. Aline conversa com ele: "tá bom, vou deixar a porta aberta"

A melhor parte? É ver o episódio ficar pronto. A edição é um tipo de magia. Porque ela faz tudo se encaixar. É uma maravilha, até o que parece sem graça ou aquilo que tá muito cagado dá pra arrumar na edição. E fazer parecer que foi tudo suave, bem natural. A edição é onde eu trabalho pesado em construir a ficção.

É onde eu posso dar uma de Dr. Frankenstein, sabe? Porque é um trabalho de colagem, de sobreposição. É o choquinho que faz a coisa toda ganhar vida. Sem a parte de cortar e colar membros de gente morta.

[trecho do filme Frankenstein: "It's alive, it's alive! It's ALIVE!"]

Ah, esse painel aqui? É onde eu acompanho os resultados. Aqui é onde mora minha frustração boa parte do tempo. Não acho nada divertido ficar olhando pra números, rankings, gráficos. Toda essa corrida pelos números, alcançar mais plays, alcançar mais

ouvintes, fazer queda de braço com os algoritmos das plataformas. Que querem que você faça dancinha e mostre a cara, fale das polêmicas do momento, arrume briga com alguém, né, porque aí seus números vão ficar melhores...

Vamos ver aqui como anda a performance? Estranho... os gráficos estão péssimos. Não param de cair.

Rápido! Mário de Andrade, traz o desfibrilador!

O que tá acontecendo? Ninguém mais tá interessado em ouvir?

- - -

Estou fazendo algo errado. Só pode ser isso. Eu tô fazendo algo errado. Sim, agora o quê estou fazendo errado? É porque eu sou péssima em marketing, né? Formada em Publicidade, mas péssima em marketing. O que eu faço agora? O que a gente sempre faz quando não sabe fazer alguma coisa. Procurar no Youtube vídeos com tutoriais. Vamos ver aqui: "como fazer as pessoas ouvirem o meu podcast?"

[Trechos de Youtubers gringos repetindo "Consistency", um após o outro]

Então consistência é tudo. Apesar de que eu veja uma grande diferença entre consistência e frequência. Pra mim consistência tem a ver com a solidez do trabalho, estar continuamente produzindo algo que tem significado, que tem qualidade. Agora isso mudou de sentido. Agora consistência é você consistentemente se esfolar pra entregar a frequência que as plataformas querem de conteúdo.

De qualquer forma, frequência foi algo que não consegui manter de fato nesse ano insano. Tanta coisa acontecendo, tá mais difícil pagar as contas. O Brasil afundando e a saúde mental de geral derretendo junto... E ainda uma mudança de país bem no meio! O que eu ia fazer?

Pelo menos cumpri a promessa para os meus apoiadores: teve podcast o ano inteiro. Devagar? A conta gotas? Em periodicidade irregular? Mas teve.

Eu falei sobre isso num dos episódios. Acho que foi no... deixa eu ver aqui... ah, no episódio da Madame Tussaud.

[Trecho de áudio]

"Obrigada pela paciência também em aguardar os episódios, que vão sair um pouco mais lentamente por um tempinho, enquanto estou aqui num período meio turbulento. E prefiro demorar um pouco mais do que fazer de qualquer jeito só pra manter a frequência e alimentar números. Tô mais preocupada em fazer

algo de qualidade, que me deixe satisfeita, que agrade meus ouvidos... e espero que os seus também"

Bem, fazer as coisas da forma que acredito teve um custo. O preço, no caso, foi ver a audiência desmoronar. Mas nem tudo está perdido. E daí que menos gente se importa? Pode ser até libertador isso. Sim, perceber que o que estou fazendo é desimportante. Completamente desimportante! Não é porque tem pouca gente prestando atenção que não tem valor. Tem muito valor e tem muita beleza naquilo que a gente não tá prestando atenção. E não é justamente sobre isso que eu tô contando desde o início desse podcast?

[tom de trailer de filme com música épica]

A saga de uma podcaster que tem muito a dizer. Mas enfrenta seu pior inimigo... as forças do algoritmo da internet.

Ela encontra uma máquina com poderes especiais. E com a ajuda de personagens de outros tempos e outros mundos, vai tentar reconquistar sua audiência.

Com Meryl Streep.

"Olha quem está falando sozinha 2"

Hoje, na Sessão da Tarde.

- - -

Um dente.

Coisa pequena, cabe um monte dentro da boca.

Ainda assim, cabe tanta coisa num único dente.

Imagine um dente de uns 50 mil anos. Um dente de neandertal.

Eu fiquei um tempão brisando nisso. Não sei porque acabei não gravando o episódio sobre o neandertal. Se encaixaria perfeito nessa temporada!

Os cientistas conseguiram descobrir muita coisa sobre como eles viviam a partir de dentes fossilizados. Desse pedaço minúsculo de uma espécie humana que não existe mais há pelo menos 40 mil anos.

Os pesquisadores pegaram esse dente e analisaram cada detalhe. Cada estria, cada desgaste. E conseguiram ler ali como eles se comportavam. O que comiam. Quais doenças tinham. Como caçavam. Que tipo de trabalho faziam. Descobriram que eles usavam os dentes como ferramentas. Parece que roíam cordas, fios de lã. Pra fazer roupas. Talvez cobertores.

Os neandertais caminharam por essa terra por 300 mil anos. É tempo demais, gente. Pensa em quanta coisa aconteceu de 2 mil anos pra cá. Cabe muita história dentro de 300 mil anos. O que eles fizeram durante esse tempo? Mas aí começaram a desaparecer. Mudanças climáticas. A vida foi ficando mais difícil. 9 reais o litro do leite. Fora que foi quando uma outra espécie humana, mais perigosa, mais social, mais consistente, foi avançando pelos territórios em que eles viviam. Aí deu ruim pra eles.

Será que imaginavam que os seus dentes serviriam de registro? Que chegariam nessas pessoas de um futuro para ficarem especulando sobre suas histórias?

Esse é o tipo de coisa que me intriga. Fiquei um tempão pensando nisso. Talvez porque a minha própria espécie é fascinada em fazer registros. Em colecionar registros. Em especular histórias a partir desses registros.

Como a Murasaki Shikibu, a primeira romancista da história. Ou a Madame Tussaud, que reproduzia com perfeição as celebridades da sua época em estátuas de cera. Eu falei delas nessa temporada. Eram observadoras, tinham um olhar atento para os detalhes. E registravam tudo, cada uma do seu jeito.

O mundo onde elas viveram não existe mais. Mas as obras delas sobreviveram.

Aloísio Magalhães, o designer brasileiro, foi outro observador! Também falei dele. De tão observador achou um tesouro escondido no caju. Veja bem, uma fruta, algo absolutamente banal, tão comum que a gente nem imagina quanto valor carrega. E a partir dessa fruta ele e uma porção de pesquisadores conseguiram enxergar a enormidade de uma cultura, a relação entre pessoas, o saber fazer de um povo.

Ou ainda de Mário de Andrade, que tinha o projeto ambicioso de resgatar tudo sobre a cultura brasileira, sobre nossa história, nossa imaginação e encapsular dentro de uma enciclopédia. Como se num esforço de fazer nossa cultura sobreviver.

James Lovelock também tinha o olhar afiado. Tanto que conseguiu enxergar partículas minúsculas, microscópicas, invisíveis até então. Foi assim que conseguiu detectar o buraco na camada de ozônio. Ele também conseguiu olhar para o que é grande demais para a perspectiva humana alcançar. E ver que talvez, num futuro não tão distante, seja a vez da nossa espécie passar pela extinção.

Imagina uma outra espécie inteligente daqui a centenas de milhares de anos, recolhendo todos os cacos da humanidade, tentando entender todos esses registros que a gente deixou.

Quer dizer, se sobrar alguma coisa.

Será que vão se importar com o que a gente fez aqui? Com as coisas boas?

Nossas histórias não vão fazer o menor sentido, acho. Elas só importam pra gente.

E os neandertais, contavam histórias? De que tipo?

Será que inventavam mitos, como os que contei nessa temporada? Como a dos maias, que contavam que o ser humano foi criado pelos deuses a partir da massa cozida de milho. Será que tinham fábulas? Histórias como a da formiga e a da cigarra, para falar sobre o trabalho e o fazer artístico?

Se contavam histórias, então talvez fizessem arte, ué.

Será? Será que tinham a capacidade de imaginar seres que não existiam na natureza? Tipo sereias, coiotes que falam, deuses-aranha?

Se contavam histórias, talvez fossem capazes de mentir, de enganar.

Não. Acho que não. Malasartes só podia mesmo existir entre os Homo Sapiens, numa espécie com propensão pra safadeza, pra malandragem.

Se os neandertais tivessem essa capacidade de passar a perna em alguém, talvez tivessem adiado a extinção. Talvez estariam aí até hoje. Ah, eu duvido que eles soubessem mentir. Acho até que ignoravam que a nossa espécie era perigosa justamente porque tinha essa habilidade...

Mas ao menos eles se comunicavam, né? Será que tinham sua própria versão do mito da Torre de Babel? Uma história para entender a origem do desentendimento?

Talvez criada nos breves 500 anos em que a espécie interagiu com o Homo Sapiens. Em que tentaram se entender... e muito provavelmente falhado. Porque a gente não se entende nem entre nós.

É por isso que eu queria voltar no tempo, só pra observar como eles...

Pera aí, de onde tá vindo esse barulho?

Deixei algum áudio ligado?

Só falta isso agora, o microfone tá com interferência.

Não. Tá vindo lá de fora.

[Aline levanta da cadeira e abre a janela. Uma sobreposição de sons invade a gravação. Trechos de áudio sobre política, Bolsonaro gritando, notícias, fofocas de famosos, memes, influenciadores,



sons que se mesclam até ficarem irreconhecíveis e opressivos. A janela se fecha]

Quiéisso.

Não dá. Não dá pra competir com o som lá de fora.

[Um longo trecho silencioso]

[voz masculina]

O silêncio é intolerável. Não é?

- - -

[Trecho do primeiro episódio: "esse podcast é um pretexto para eu aprender, pesquisar, ler, descobrir novos assuntos"]

Esse trecho que você acabou de ouvir eu falei lá no primeiro episódio do podcast. Por mais que eu tenha experimentado muitas coisas diferentes ao longo desses quase 4 anos, essa essência nunca mudou.

Eu comecei a gravar o episódio de hoje pensando: pronto, vai ser o último. Histórias tem começo, meio e fim, né. Vai ser legal terminar assim.

Por isso até me permitir pirar na batatinha. Chutar o balde.

Ter liberdade de errar. O fim do podcast me daria essa licença poética.

Mas a verdade é que eu não sei dizer se o podcast acaba aqui.

Porque eu amo o que eu faço aqui.

Principalmente porque eu sei que tem alguém ouvindo. Alguém que sempre me convida pra entrar no ouvido, nesse espaço tão íntimo. Alguém que me oferece a atenção em um mundo cheio de estímulos, com cada vez mais super produções, uma infinidade de histórias em todos os formatos possíveis, isso não é pouca coisa não.

Esse alguém está ouvindo as histórias. Mais de uma. Às vezes mais de uma vez! Sendo afetado por elas. Parece que os episódios chegam em quem precisa ouvir, no momento em que precisa ouvir.

A maior parte do tempo eu não vou saber quem, eu não vou saber quando, eu não vou saber o quanto aquela história impactou. Mas criar é também um tipo de fé. Acreditar no que não é garantido: que a mensagem de som na garrafa vai chegar em quem precisava dela, no momento certo.

Tem um tuíte do escritor Bráulio Tavares que diz mais ou menos assim: “Devemos continuar a produzir ouro, para que quando alguém busque ouro, possa encontrar o nosso”.

É isso. Só cabe a mim ter fé que as palavras vão chegar nesse alguém.

E seguir em frente.

Mas não agora. Agora vou desligar os equipamentos todos. Me despedir dessa loucura desse espaço que eu criei. E voltar pro meu laboratório. Tenho muito trabalho pela frente. Pensar mais, rascunhar novos capítulos, redesenhar o mapa para as próximas jornadas.

Não foi perda de tempo fazer essa tour, né? Claro que não.

Agora eu sei, você também já sabe.

Fazer podcast não é bem fazer sozinha.

Obrigada a você que me fez companhia. Obrigada por ouvir Bobagens Imperdíveis.

Tchau!